



## Notas sobre o sistema de classes na Grécia Clássica

Jadir Antunes

As classes sociais da Grécia Clássica podem ser divididas e agrupadas segundo os seguintes critérios:

### 1) Segundo o critério da ocupação

- 1) Eupátridas ou aristói: classe dos agricultores abastados.
- 2) Georgói: classe dos camponeses – agricultores pobres.
- 3) Technai: classe dos artesãos.
- 4) Demiurgói: classe dos comerciantes e artesãos.

- 5) Métèques: classe dos estrangeiros – artesãos ou comerciantes.
- 6) Doulos, andrapodon, oikétès, thérapon, dmôs: classe dos escravos.
- 7) Latris: homens livres sem propriedade e sem ocupação definida que trabalhavam como assalariados.

### 2) Segundo o critério da renda – instituído por Sólon em 594 a.C.

- 1) Pentacosiomedimni: classe dos que ganhavam 500 medidas anuais.
- 2) Hippeis: classe dos que ganhavam 300 medidas anuais.
- 3) Zeugitai: classe dos que ganhavam 200 medidas anuais.
- 4) Thetes: classe dos que ganhavam menos que 200 medidas anuais.

### 3) Segundo o critério marxista das relações de produção e apropriação da riqueza:

- 1) Senhores livres (éleuthéros, despotès, polítès): classe dominante. Cerca de 21.000 de uma população total de +- 100.000 livres em Atenas segundo Yvon Garlan. Nícias, famoso ateniense fabricante de armas, possuía cerca de 1.000 escravos. Em média cada camponês ou *aristói* possuía de 3 a 5 escravos em suas propriedades. Quase todos os artesãos possuíam ao menos um escravo comprado no mercado de escravos ou recebido como espólio de guerra.

- 2) Metecos (métèques): classe dos estrangeiros livres. Homens livres sem direito de cidadania que, porém, podiam exercer atividades comerciais e manufatureiras na cidade e empregar escravos em seus negócios. Classe enriquecida no comércio com o Mediterrâneo. Cerca de 10.000 em Atenas segundo Garlan. Céfalo, personagem *metéco* na casa de quem se realiza o diálogo *A República* de Platão, possuía 500 escravos.

- 3) Escravos (doulos, andrapodon, oikétès, thérapon, dmôs): classe dos estrangeiros dominados e conquistados em guerra. Propriedade privada de um senhor sem direito de cidadania, os escravos eram considerados uma coisa, um instrumento de trabalho, como o gado, somavam 400.000 em Atenas segundo Garlan. Em Esparta, os escravos eram propriedades do Estado e originários do próprio território grego – os chamados hilotas: a população autóctone escravizada antes da conquista lacedemônia.

Segundo Garlan (1984, p.32), a palavra grega que melhor expressa a condição escrava é andrapodon – palavra aparentada etimologicamente a tétrapodon (que significa ser de quatro patas) – utilizada

para representar o gado (boi ou cavalo). Andrapodon é utilizada para designar um prisioneiro ou cativo que é objeto de um butim de guerra submetido à vontade do vencedor e condenado à escravidão pelo simples fato da captura. Andrapodon significa, assim, o escravo enquanto coisa e objeto de propriedade e de troca.

Na época clássica, doulos é a palavra mais popular para se referir à escravidão. Semanticamente, doulos se opõe implícita ou explicitamente a éleuthéros (o homem livre), e mais ainda a polités (o cidadão).

Doulos, por isso, aparece sempre ligada a uma relação de dominação e possessão. No sentido mais estreito do termo, doulos significa o escravo perfeito desprovido de toda liberdade. Num sentido mais largo, doulos significa qualquer tipo de submissão a uma força estrangeira. Doulos pode ainda significar sujeição política, servidão moral e subordinação (Garlan, 1984, p. 32).

Pela ordem de uso freqüente, porém, em primeiro lugar vem as palavras oïkétès, oïkiatas, ou oïkeus, que designam o escravo em suas relações com o mestre enquanto membro de um grupo familiar (oïkos). Oïkétès é o escravo doméstico, ou escravo patriarcal, que realiza diversas tarefas cotidianas no interior do oïkos.

Outras palavras de uso menos freqüente para referir-se à escravidão são thérapon (servidor), latris (trabalhador assalariado),

amhipolos, prospolos (mulher de companhia) e dmôs ou dmôè. A partir do século IV, porém, a palavra escravo tende a perder sua especificidade e doulos, andrapodon e oïkétès são praticamente utilizadas como sinônimos (Garlan, 1984, p. 33)

No período homérico, a principal forma de escravidão é a escravidão doméstica (Garlan, 1984, p. 43). O oikétès é um escravo que está unido ao senhor por uma relação de pertencimento familiar. Por este aspecto patriarcal da escravidão, entre senhor e escravo reina uma relação de fidelidade e um forte espírito de solidariedade. Como parte da família, os escravos partilham de suas alegrias e de suas tristezas, assim como trabalham a terra, fabricam instrumentos, tecem e cozem ao lado do senhor e sua esposa e filhos/as (Garlan, 1984, p. 48).

No período arcaico fundam-se as cidades e a democracia, e surge a antítese entre escravidão e liberdade. No período clássico, Atenas será a cidade onde mais se desenvolverá a forma dominante da escravidão-mercadoria e fará, por isso, uso massivo da captura em guerra dos chamados bárbaros do mediterrâneo.

O escravo de tipo ateniense, o doulos, era, antes de tudo, um objeto de propriedade de um senhor (um despotès) e transmissível a outro senhor, seja cidadão (polités) ou estrangeiro residente (métèques), como

gado ou qualquer bem móvel, independente de sua vontade.

O doulos era desprovido de qualquer personalidade jurídica, existindo por isso, como coisa ou objeto de trabalho ou de troca (Garlan, 1984, p. 54). Segundo Garlan (1984, p. 69), pode-se afirmar com alguma precisão que na Atenas clássica havia cerca de 21 mil atenienses cidadãos, 10 mil metécos e 400 mil escravos.

Esses 21 mil cidadãos eram em sua maioria proprietários de pequenas unidades familiares rurais (os oikos), com uma extensão de terras aproximada de 3 a 5 ha e nunca maiores que 30 ha. (Garlan, 1984, p. 74).

Esses pequenos camponeses exerciam o trabalho na terra auxiliados por cerca de 3 escravos em média. Durante o tempo livre, esses camponeses se dedicavam às atividades públicas na cidade – como a participação nos comícios, nos tribunais e nas mais diversas magistraturas. Atividades essas exclusivamente suas.

Esses escravos agricultores trabalhavam no campo ao lado e sob as ordens e supervisão do senhor. Nessas mesmas propriedades trabalhavam ainda na residência do senhor, um pequeno número de escravos responsáveis pela realização dos diferentes serviços domésticos, sendo o principal deles o da tecelagem ao lado da esposa do cidadão camponês.

Nas cidades eram encontradas pequenas oficinas artesanais, geralmente de propriedade de um homem livre estrangeiro, onde se fabricavam diferentes produtos, tais como vasos de barro, arreios e montarias para animais, vestimentas, móveis, instrumentos musicais e instrumentos de guerra (como espadas e escudos).

Assim, certa divisão e especialização do trabalho já era encontrada no sistema manufatureiro da cidade. Segundo Garlan (1984, p. 77), o trabalho escravo jogava um papel essencial nessas pequenas oficinas. Segundo ele, eram raros os artesãos que não dispunham de certo número de trabalhadores como escravos.

Os escravos mercadoria tinham ainda um papel central na execução de diferentes trabalhos improdutivos como no comércio e nos bancos.

Yvon Garlan: Les esclaves en Grèce ancienne. Paris : Éditions La découverte, 1984.